

a)



b)

As fotografias das missões batistas brasileiras na África lusófona em período de descolonização: representações de um projeto missionário

Harley Abrantes Moreira *

P. 45-57

“Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas.”
Italo Calvino

Durante parte da época de descolonização da África lusófona e o posterior período pós colonial, a presença de missionários batistas brasileiros se intensificava em colônias como Angola e Moçambique. A proposta desse texto consiste em investigar o material fotográfico existente na revista *O Campo é o Mundo* a esse respeito. Realizaremos, primeiramente, uma discussão sobre a relação entre história e fotografia para, posteriormente, analisarmos quatro conjuntos de imagens discutidas a partir dos conceitos de “representação” e “zona de contato”.

De início, é importante destacar que a revista onde essas fotografias se encontram é uma publicação da Igreja Batista que, através de sua convenção brasileira, criou o periódico em 1955 com o objetivo de divulgar entre as igrejas filiadas, o trabalho desenvolvido pelos missionários em diversos países, motivando os fiéis a contribuírem com o sustento das missões e a realizarem orações em favor daqueles. Em suas páginas encontram-se, além das fotografias, depoimentos e cartas dos missionários, textos com informações a respeito dos contextos locais para onde eram enviados e notícias variadas sobre campanhas missionárias e episódios do cotidiano das missões.

História e fotografia

A relação entre história e fotografia pode ser discutida a partir de um antigo ditado popular que afirma ser verdade o que vemos com os próprios olhos. Tal entendimento dialoga com parte do pensamento renascentista que acreditava ser a imagem realista, uma combinação exata, infalível e matemática entre largura, espessura e profundi-

* Professor efetivo do curso de História da Universidade Estadual de Pernambuco, unidade Petrolina. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009), graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2000). Atualmente, cursa doutorado em História cultural na UNICAMP.

dade, ou seja, uma reprodução fiel do real, independente das convenções sociais de seu desenhista, pintor, escultor ou arquiteto.

Segundo Maria Eliza Linhares Borges, a ideia de imagem realista teria influenciado a historiografia do século XIX que, através da escola metódica, compreendia a fotografia como espelho ou duplicação do real.

Ao adotar essa teoria e aplicá-la ao uso das imagens visuais na pesquisa e no ensino de história, a historiografia metódica, herdeira do racionalismo moderno, conjuga, de uma maneira singular, tradição e modernidade [...] Assim, sempre que o visto, traduzido em imagens, emanasse de olhos que tivessem sido colocados na posição correta, porque educado pelas técnicas da perspectiva, haveria uma perfeita correspondência entre realidade e imagem (Borges, 2011).

Apesar desse tipo de consideração, a hierarquia existente entre o documento escrito e outros tipos de registro da passagem do homem pelo tempo impunha grandes limitações ao uso da fotografia no trabalho dos historiadores. Sua inclusão no rol de fontes legítimas ocorreu apenas após a mudança do paradigma historiográfico que segue seu curso a partir do final do século XIX em um crescente questionamento dos fundamentos da escola metódica, encontrando seu apogeu na escola dos *analles* que impulsionou as mudanças do conceito de documento histórico, terminando por facilitar a incorporação da fotografia no conjunto de documentações válidas para o trabalho do historiador (Borges, 2011a).

Esse trabalho enfrenta problemas comuns à utilização de imagens oque, segundo Ivan Gaskel, ainda ocorre sob grandes limitações técnicas por parte dos “devotos de Clio”.

Embora os historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento, em geral, os leva a ficar mais a vontade com documentos escritos. Consequentemente, são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens de maneira apenas ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes às pessoas profissionalmente ligadas à problemática visual (Gaskell, 1992).

Teria sido apenas a partir das últimas três décadas do século XX que o avanço dos diálogos interdisciplinares passaram a contribuir de maneira mais intensa para que historiadores indagassem as fotografias com maiores recursos ligados ao conhecimento técnico das artes visuais sem perder de vista as questões propriamente históricas. Nesse sentido, Jesiel de Paula, no livro “1932 Imagens construindo a História”, afirma que

Nos últimos anos, algumas pesquisas de certos especialistas da imagem encontram apoio em certos conceitos estabelecidos ainda no século XIX, principalmente na teoria semiótica do pensador norte-americano Charles Sanders Peirce. A imagem fotográfica, sob a ótica de Pirce, tenderia a ser vista como um signo, ou seja, todo objeto, forma ou fenômeno que represente algo distinto de si mesmo. Ela englobaria concomitantemente as concepções teóricas anteriores. Ao mesmo tempo em que se manifesta como traço de um real (um índice, como uma pegada indicando a passagem de alguém) também se torna uma representação por semelhança ou analogia com o referente (um ícone como um mapa geográfico). E, simultaneamente, representa uma convenção social instituída em relação àquilo que a imagem designa: o contexto. Em outras palavras, adquire sentido como um símbolo, igual à cruz significando “cristianismo” (Paula, 1998).

É, portanto, a compreensão das análises fotográficas como um signo, um índice ou um meio para entender formas de ser, de estar e pensar o mundo de seus sujeitos um exercício de superação das práticas de análise mais inocentes. Para aplicá-la, é importante o domínio de um alicerce teórico e de procedimentos que orientem o trato do historiador com esse tipo específico de imagem com o qual trabalharemos.

Missões batistas na África lusófona: as fotografias na revista *o campo é o mundo*

A primeira consideração importante, sem a qual seria irrelevante o trabalho com esse tipo de material é que a fotografia, sem exagero, é fruto da imaginação do fotógrafo e se, por um lado, ela apresenta um fragmento do real, por outro, é uma expressão das artes gráficas resultando de um processo criativo. Fazem parte desse processo o contexto histórico, cultural e social, os objetos, paisagens, animais e pessoas fotografadas e, no centro, o artista (o fotógrafo) que decide pelas inclusões, exclusões e disposições dos elementos presentes e ausentes de sua obra.

A esse respeito, escreve o fotógrafo Brassã:

A fotografia é filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar desse fato (Brassã, 1968 apud Kossoy, 2003).

Por isso é importante ao historiador notar que o documento que se lhe apresenta é um produto, resultado, também, de um processo artístico no qual aquilo que é exposto como o real congelado em um recorte de espaço e tempo é, mais que isso, uma criação artística onde o fotógrafo, semelhantemente ao pintor, resolve preencher o seu retângulo com luzes, sombras e ângulos que constroem uma determinada realidade. A construção da imagem pelo fotógrafo, que é um sujeito social atuando de acordo com seus próprios códigos culturais, ocorre em companhia de uma série de indagações que fazem parte do jogo de inclusão e exclusão a ser analisado pelo historiador como uma espécie de contexto de produção da imagem onde se deve atentar para as informações sobre a recepção das fotografias, as intenções de quem as produziu, os sentidos que lhes são atribuídos em variadas temporalidades, as representações e os discursos que com elas se inscrevem em tramas políticas, culturais ou sociais.

Nas fotografias que estamos a considerar como fontes documentais, interrogações dirigidas a autoria das fotos, não podem ser respondidas se considerarmos apenas as informações da Revista *O Campo é o Mundo*, no entanto, através desse material, podemos identificar elementos que compõem padrões visuais em funcionamento dentro da comunidade composta pelo amplo conjunto de igrejas às quais essas fotos eram endereçadas.

Esses padrões visuais foram organizados nos conjuntos de imagens que se apresentam ao lado, selecionados no intuito de demonstrar a intenção da revista em revelar seu projeto missionário para a África. Quatro agrupamentos de fotografias foram com-



Fig. 001. Fotografia sem referência de autor, data e contexto. Localizada na página 4 da revista *O Campo é o Mundo*, n.º 4, 1966. Na posição superior da página a qual apresenta um texto cujo título é: “E a África?”



Fig. 002. Fotografia sem referência de autor, data e contexto. Localizada na página 4 da revista *O Campo é o Mundo*, n.º 8, 1967, no canto superior esquerdo, acima de um texto cujo título era: “Sua Religião lhe satisfaz?”.



Fig. 003. Fotografia sem referência de autor, data e contexto. Localizada na página 7 da revista *O Campo é o Mundo*, n.º 4, 1966. No canto esquerdo superior sugerindo uma integração com um texto cujo título era: “E a África?”

postos: no primeiro deles, representações de determinada África tradicional construída pela revista; no segundo, as cidades africanas e seus sinais de modernidade; no terceiro, retratos dos missionários brasileiros e, no quarto, procurou-se demonstrar a existência de uma zona de contato composta por estes e pelos africanos.

No primeiro conjunto quase sempre se nota a presença de um texto que, apesar de não oferecer informações sobre as condições de produção das fotos, faz parte da peça funcionando como conteúdo capaz de lhe atribuir sentidos construídos na companhia dos editoriais, dos artigos, cartas e legendas que compunham a revista.

Nesse primeiro grupo de imagens, merece destaque a predominância de africanos negros, com vestimentas e adereços tradicionais e, quando homens, sem camisa. Na **fig. 001**, carregam grandes presas de marfim, abrindo, aos leitores, possibilidades de associação da cena com a exploração do trabalho escravo para o comércio dessa valiosa matéria prima. A ausência de legendas nos impede de ter um acesso imediato a informações importantes como data, local e autoria da fotografia mas, por outro lado, pode revelar uma intenção por parte da revista: a construção de um tipo africano, explorado, carente da intervenção religiosa dos missionários batistas.

A **fig. 003** apresenta crianças negras, também sem camisa, em um cenário de vegetação, sem presença de nenhum tipo de edificação humana que representasse a civilização. Nesse sentido, estes pequenos africanos compõem com a floresta uma única realidade natural. Seus semblantes

parecem felizes ao olharem para cima em direção a um branco bem vestido, sobre o qual não podemos afirmar quem seja mas que, pode-se supor, fosse uma missionária ou uma representação desta sugerida pela revista.

Nesse primeiro conjunto de imagens os africanos representados não fazem uso de qualquer produto industrializado. O texto que acompanha as fotos número três e quatro, assinado por Oswald J. Smith, é particular porque tenta enfrentar uma discussão

sobre o relativismo cultural, chegando a afirmar que se os “pagãos” se considerassem satisfeitos com as suas religiões, melhor seria deixá-los como estão, no entanto, o envio de missionários para a África ocorreria baseado na certeza de que os povos africanos não pensavam dessa forma. O autor cita o caso dos maometanos que, em função de sua religião, faziam grandes cortes na cabeça e estancavam o sangramento com jornais, uma prova de que as religiões que predominavam no continente não traziam paz e conforto e não poderiam ser melhores que o cristianismo, (O Campo é o Mundo, 1967, n.º 8).

Podemos supor, também, que as vestimentas tradicionais, peitos nus, objetos artesanais, a natureza e os adereços presentes nas imagens parecem apontar para um africano “tribal” e, muito embora uma apologia do eurocentrismo não ocorra de forma explícita, essa opção da revista em divulgar (na década de sessenta e, portanto, antes do envio dos primeiros missionários, que chegaram em Moçambique em 1970)¹. Fotos de africanos não urbanizados, identificados com a natureza e à margem do mundo do consumo, apontava para a supremacia da civilização ocidental em detrimento dos valores, costumes, religiões e formas de produção da vida material africana. Acompanha esse discurso iconográfico a preocupação em afirmar que os africanos concordavam com essa hierarquia e esperavam por uma proposta religiosa que lhes libertasse de antigas maldições. Em outras seções, acompanhavam as fotos, textos dos próprios missionários, onde procuravam dar conta de sua realidade, seu cotidiano e seus próprios pontos de vista sobre suas missões e aspectos da cultura local. Em carta escrita pela missionária Albertina Ramos da Silva, publicada pela Revista em 1974, lemos:

[...] Sinto-me cada dia mais alegre e certa de que estou dentro da vontade de Deus. Não significa que não tenhamos sofrimento, espinhos e lágrimas, mas estou certa de que a obra de Deus, a quem servimos, precisa de lágrimas para ser regada e crescer. A “senda da glória” às vezes é difícil demais, porém não há maior alegria do que ver o Cristo vivo dominando o coração desse povo descendente de cão, filho amaldiçoado de Noé e por quem aqui viemos”. (O Campo é o Mundo, 1974, p. 18)



Fig. 004. Fotografia sem referência de autor, data e contexto. Localizada na página 17 da revista *O Campo é o Mundo*, 1969, no canto superior esquerdo da página que apresentava dois textos cujos títulos eram: “Aumenta o interesse de nossas igrejas por missões ultramarinas” e “Cresce o trabalho em África”.

¹ Segundo informação fornecida pela Junta de Missões Mundiais, disponível em: <http://missoesmundiais.com.br/historia-jmm/biografia-pr-joao-marcos-barreto-soares/>. Acessado em 13/11/2015.

A conhecida teoria camítica, relacionada às diferentes derivações e transcrições da palavra *Cam* do livro bíblico de Gênesis, não é mencionada em nenhum artigo da revista mas, ao que indica a carta, era aceita pela comunidade. Segundo essa tradição, este “filho de Noé teria sido o fundador de uma linhagem maldita erroneamente identificada com os negros da África tropical” (M’Bokolo, 2009, p. 50). Esta teoria foi fundamento de diferentes tipos de práticas e discursos inferiorizantes, discriminatórios e/ou racistas em distintos contextos históricos (Oliva, 2005).

Em outras fotografias, já acompanhadas por legendas, os sinais da indústria e de um modelo específico de desenvolvimento urbano marcado por largas avenidas, *boulevards* e arranha-céus são notados. São fotos publicadas em edições anteriores e posteriores a 1970, ano da chegada dos primeiros missionários batistas brasileiros em Moçambique demonstrando, que a agência missionária tinha conhecimento da diversidade africana, e da modernidade de suas grandes cidades e que, portanto, quando apresentava fotos de tipos africanos mais tradicionais sem legendá-las, era uma opção que se revelava:

A de criar um africano típico, capaz de sensibilizar as igrejas responsáveis pelo financiamento das missões.

Todavia, outras imagens disponibilizadas em diferentes sessões da revista mais associadas ao cotidiano dos missionários revelavam outros cenários:

Nessas fotos, notamos outros olhares e outras representações do continente africano. A legenda que acompanha a fig. 005, ao explicar que a jovem está ao lado da missionária porque já está preparada para o batismo, evidencia a existência de uma segunda África que, diferente da primeira, associada ao atraso econômico, cultural e espiritual, se aproximava mais



Fig. 005. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 20 da revista *O Campo é o Mundo*, 1975. Na posição superior da página que dava continuidade ao texto da sessão denominada: “Moçambique”. Na legenda, é possível ler: “Maria do Céu é uma jovem que está ao lado da missionária Maria Ivonete porque já está preparada para o batismo. Uma casa em Moçambique.”

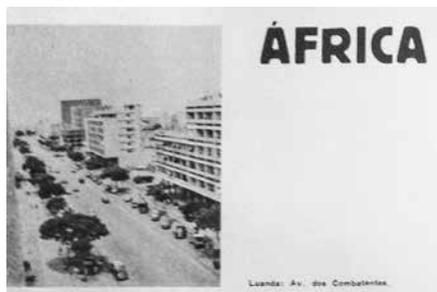


Fig. 006. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 14 da revista *O Campo é o Mundo*, n.º 8, 1967. Na legenda, lê-se: Luanda: Av. dos Combatentes.



Fig. 007. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 27 da revista *O Campo é o Mundo*, 1971. Na legenda, lê-se: Vista parcial da cidade de Lourenço Marques – África.



Fig. 008. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 23 da revista *O Campo é o Mundo*, 1974. Na legenda, lê-se: “Valnice Milhomens Coelho, quando proferia o sermão oficial no VII Congresso da Mocidade Batista, na Primeira Igreja Batista de Lourenço Marques”.



Fig. 009. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 33 da revista *O Campo é o Mundo*, 1972. Na legenda, lê-se: “A missionária Janice Kervey com Valnice, em Blantyre, no Congresso da União Feminina Batista Africana em 10/08/1972. Valnice usa o traje típico de Moçambique e praticamente de toda a África (capolanas e lenços).”

A missionária Janice Kervey com Valnice, em Blantyre, no Congresso da União Feminina Batista Africana, em 10/08/1972. Valnice usa o traje típico de Moçambique e praticamente de toda a África (Capolanas e Lenços).



A família Nite vai se acostumando, aos poucos, às comidas moçambicanas.

Fig. 010. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 34 da revista *O Campo é o Mundo*, 1972. Na legenda, lê-se: “A família Nite vai se acostumando, aos poucos, às comidas moçambicanas.”



Fig. 011. Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 14 da revista *O Campo é o Mundo*, 1972. Na legenda, lê-se: “Aí estão essas vidas consagradas ao Senhor. Uma família que há de ser uma grande bênção na África, onde já se encontra a serviço da Causa de Jesus Cristo: Pastor José Nite Pinheiro, sua esposa, Dona Cilcéia e seus filhos Gelson, Renato, Nilcéia e Nilce.”

de nossos modelos de desenvolvimento, assemelhando-se às nossas formas de vida, o que lhe credenciava, portanto, para o protestantismo batista brasileiro interessado em conhecer o contexto cultural de Angola e Moçambique, porém, indisposto a aceitar alguns traços dos modos de vida mais tradicionais africanos. Em matéria publicada em 1966, sobre um texto escrito pelo missionário Louis Borne, enviado pela agência missionária britânica Baptist Missionary Society em 1959 para Angola onde permaneceu até 1961, a revista destacou alguns elementos das culturas locais com os quais não pretendia negociar:

Talvez seja difícil imaginar o ambiente psicológico da mente de uma pessoa criada no puro fetichismo, que exerce influência tão profunda sobre sua mente, que chega a viver assombrada pelo paganismo. Muitos apesar de crentes. Por isso a igreja se torna tão exigente para o ingresso de novos membros. O meio ambiente também serve de base para justificar a disciplina da igreja. As orgias noturnas com os batuques que fazem vibrar a solitária noite, os tambores, a potentíssima bebida alcoólica e toda espécie de feitiçaria e imoralidade que se misturam. Essas coisas, como não poderia deixar de ser, são proibidas aos crentes (O Campo é o Mundo, 1966, n.º 4, p. 7).

Textos como esse podem iluminar a interpretação de conjuntos de fotografias tão distintos e reveladores do projeto missionário da Junta de Missões Mundiais na medida em que acentua o contraste entre duas diferentes Áfricas, percebido nas imagens. O exotismo de uma África Pagã identificada com o “fetichismo”, o “paganismo”, as “orgias noturnas” e o “alcooolismo”, era representado por fotos e reforçado por artigos que denunciavam a existência de práticas culturais combatidas pelos missionários e que, ao se inscreverem na revista, apelavam para a sensibilização do público leitor, circunscrito às igrejas batistas do Brasil.

Outro agrupamento de imagens diz respeito às fotos e aos retratos de missionários/as brasileiros/as. São fotos que nos permitem pensar em quem eram, como viviam, se vestiam, se organizavam em famílias e que tipo de mensagem passavam através de suas imagens, porém, sobretudo, essas fotografias possibilitam observar a relação entre os modos de vida, as atividades desses missionários e as alteridades construídas em uma zona de convivência comum a estes brasileiros e aos moçambicanos. Nas figuras 001, 002 e 004, trata-se de retratos posados, algumas vezes em estúdio. São imagens fotográficas captadas na sua estaticidade. Os retratos, segundo Boris Kossoy, são

registros mecânicos de fragmentos do mundo visível caracterizados em geral pela inexistência de fatos dinâmicos que poderiam eventualmente ser flagrados em sua espontaneidade. Os conteúdos dessas imagens mostram assuntos geralmente bem organizados em sua composição e aprioristicamente petrificados antes mesmo do congelamento fotográfico. Tratam em essência de imagens estáticas que contem assuntos também estáticos (Kossoy, 2003).

A **fig. 011** encontra equivalência perfeita na descrição de Kossoy. Uma pose preparada com antecedência, na qual os retratados trajam roupas aparentemente pensadas para aquele momento no qual eram registrados como uma família tradicional e equilibrada até mesmo no número de filhos: dois casais, meninos mais velhos e meninas mais novas. Também existiam casos de missionários solteiros, porém, sempre mulheres. Nas páginas de uma das edições da revista, a relação era a seguinte:

Em Moçambique: Pastor José Nite Pinheiro e Cilcéia Cunha Pinheiro; Valnice Milhomens Coelho; Albertina Ramos da Silva e Maria Ivonete da Costa. Em Angola: Pastor Levy Barbosa da Silva; Elizabeth Barbosa da Silva e Elnice de Brito. (Redação, 1974, p. 27).

Não encontramos relatos de homens missionários batistas brasileiros que não fossem para o continente africano acompanhados de sua “família missionária”. Podemos imaginar que, nessa condição, a Junta de Missões Mundiais sentia-se mais segura

para o envio destes, muitas vezes, jovens do sexo masculino. O assunto da poligamia africana era tratado em outras matérias da revista e, sempre, como aspecto de uma cultura pagã a ser combatido. A fotografia apresentada, portanto, parecia representar um modelo de missionário ideal, amparado e protegido por uma família cristã tradicional. Uma representação que “funcionava” dentro das comunidades protestantes:

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 1990).

Nesse sentido, compreendemos algumas das fotografias dos missionários como representações que confirmavam, diante de sua denominação religiosa, o correto modo de ser e de estar no mundo e que, dentro da realidade africana, passaria a concorrer com outros precisando, portanto, fortalecer suas aspirações à universalidade fazendo avançar suas concepções de mundo social. As poses e as disposições das pessoas que compõem as fotos podem ser entendidas, portanto, como produções estratégicas com tendência a impor um mundo marcado por modelos de família e de culto, hábitos de sentar, modos de comer e vestir que não necessariamente seriam vitoriosos em razão das negociações e hibridizações culturais.

A noção de que essas representações eram construídas a partir da consciência de que existia um campo de concorrências culturais pode ser notada em cartas divulgadas pela revista onde as impressões dos missionários sobre os africanos apareciam em hiatos entre as principais informações acerca das realizações alcançadas. Em 1977, escrevia a missionária Valnice Milhomens sobre a localidade de Milha Oito, em Moçambique: “No dia 11 de Setembro, pela graça de Deus, tivemos o início do trabalho naquela localidade. Um bom grupo compareceu. Povo rude, e completamente ignorante das coisas espirituais” (Milhomens, 1977, p. 28).

Em passagens como essa, as missionárias assinalavam a distinção que estabeleciam entre o *eu* e o *outro* representado pelas palavras “rude” e “ignorante” com as quais eram inferiorizados. As representações quando forjadas pelos interesses dos grupos que às constroem estabelecem sentidos, autorizando os usos corretos dos saberes e dos espaços, manipulando as falas, os sons e os silêncios construindo, desse modo, uma forma de se comportar no mundo.

No entanto, essas representações, no período estudado, não podem ser entendidas como construções verticais executadas exclusivamente por missionários brasileiros, ao contrário, se construíam dentro de relações complexas entre estes, os africanos não convertidos ao protestantismo e os missionários autóctones. Dentro de um espaço que, segundo Stuart Hall, pode ser compreendido como uma zona de contato:

Através da transculturação “grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante”. É um processo da “zona de contato”, um termo que invoca “a co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam”. Essa perspectiva é dialógica, já que é tão interessada em como o colonizado produz o colonizador quanto vice-versa: a “co-presença, interação, entrosamento das compreensões e práticas no interior de relações de poder radicalmente assimétricas” (Hall, 2002).

No período das lutas de independência e na época pós colonial, vários moçambicanos e angolanos assumiam a tarefa de evangelizar seus próprios países e alguns já cruzavam o atlântico para alcançar as nações que tradicionalmente enviavam missionários a diversas regiões do mundo. Esse trânsito de relações e convívências, onde várias negociações culturais ocorriam, se dava dentro de um campo assimétrico que não impedia os africanos de se tornarem sujeitos diante da presença de missões brasileiras. Esse protagonismo pode ser pensado em diversas fotografias que assinalavam certa autonomia do missionarismo africano.

Na fotografia número doze, observa-se uma cerimônia de ordenação onde um africano consagra a outro para a atuação como missionário. Em 1966, a revista afirmava que, em Angola, há mais de duas décadas, existiam organizações locais como a Aliança Evangélica Angolana que cooperava com as agências missionárias e várias organizações missionárias locais que, em mútua colaboração com missões metodistas, batistas inglesas e canadenses respondiam pelo crescimento do número de evangélicos até o ano de 1961 (O Campo é o Mundo, 1966, n.º 4, p. 5).

Na **fig. 013**, uma angolana e uma aeromoça moçambicana posam para as lentes de um fotógrafo. Ambas estudavam em instituições de formação missionária brasileiras com o objetivo de retornarem aos seus países de origem para, então, desenvolverem suas atividades missionárias e, por último, a foto bastante emblemática de Firmino Chife, jovem angolano que, em 1974, fazia uma visita ao Brasil, sendo convidado para falar em importantes eventos promovidos pela Convenção Batista Brasileira.

Essa circulação de missionários africanos no Brasil e dentro do próprio continente africano confirma a existência de uma zona de contato complexa, dentro da qual as culturas e os sujeitos se refazem. As formas de culto, as liturgias e interpretações do protestantismo em solo africano estavam sujeitas a improvisações onde os missionários aprendiam a cantar seus hinos em dialetos locais como o Shangana (O Campo é o Mundo, 1971, p. 8) ou adaptavam suas formas de recolhimento do dízimo que, muitas vezes era pago com galinhas, ovos e batatas (1966, n.º 4, p. 6).

Considerações finais

Dessa forma, as fotografias apresentadas apenas representam pequena parte de um material volumoso que pode ser quantificado e classificado visando a melhor compreensão de determinada memória visual dos missionários batistas brasileiros, de suas representações de si, dos africanos de Angola e Moçambique e da zona de contato que formavam. Elas revelam as intenções do projeto missionário apresentado pela revista onde eram divulgadas.



Fig. 012.
Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 4 da revista *O Campo é o Mundo*, 1968, n.º 9. Na legenda, lê-se: "Rogai ao Senhor da Seara para que envie mais obreiros para a sua seara."

Fig. 014.
Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 14 da revista *O Campo é o Mundo*, 1974. Na legenda, lê-se: "Firmino Chife, o jovem angolano que hora visita o Brasil empolgou-se quando falava à convenção. O irmão Chife vai retornar a Angola logo após o dia de missão estrangeiras."



Fig. 013.
Fotografia sem referência de autor e data. Localizada na página 23 da revista *O Campo é o Mundo*, 1974. Na mesma página, cinco outras fotografias com legendas visíveis.



Podemos concluir, de modo preliminar, que os conjuntos fotográficos atuam na construção imagética de uma África bárbara, carente e inferiorizada; em um segundo momento, apresentam cidades modernas e preparadas para receber o projeto missionário batista; Representam os missionários brasileiros com suas formas de ser e estar no mundo e os missionários africanos que fizeram não apenas da África mas também do Brasil um campo missionário estabelecido dentro de um espaço onde as alteridades se davam em permanente construção.

O material fotográfico, além de revelar detalhes da rotina missionária em terras africanas, permite, quando em diálogo com os textos da revista, pensar a reprodução de estereótipos e a existência de complexas relações que permitem discutir diferentes

formas de colonialismos culturais, evitando a inversão de posições, reconhecendo a natureza assimétrica desses contatos, mas, sobretudo, compreendendo que os africanos também foram autores de suas histórias, concordando com Michael De Certeau quando este afirmava que “O lugar do sujeito é sempre uma construção social em mutação. O sujeito se fabrica e se desmancha permanentemente” (Certeau, 1982).

Referências bibliográficas

- Almeida, Vasni; Santos, Lyndon Araújo; Silva, Elizete da (2011), *Fiel é a Palavra: Leituras Históricas dos Evangélicos Protestantes no Brasil*. Feira de Santana, UEFS Editora.
- Burke, Peter (2003), *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru-SP, EDUSC.
- Borges, Maria Eliza Linhares (2011), *História e Fotografia*. Belo Horizonte-MG, Autêntica.
- Carvalho, Vânia Carneiro de & Lima, Solange Ferraz de (2009), *Fotografias: Usos Sociais e Historiográficos*. In: *O historiador e suas fontes*. São Paulo, Contexto.
- Certeau, Michel (1982), *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Chartier, Roger (1990), *A História Cultural – entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertran Brasil.
- _____ (2002), *O mundo como representação*. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Gaskell, Ivan (1992), *História e imagens*. In: *Peter Burke: A Escrita da História*. São Paulo, UNESP.
- Hall, Stuart (2013), *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG.
- Kossoy, Boris (2003), *Fotografia e História*. São Paulo, Ateliê Editora.
- M'Bokolo, Elikia (2009), *África Negra. História e civilizações tomo I (até o século XVIII)*. Salvador e São Paulo: EDUFBA e Casa das Áfricas.
- Oliva, Anderson Ribeiro. *A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>
- Paula, Jeziel de (1998), *1932: Imagens Construindo a História*. Campinas-SP. UNICAMP.

Fontes documentais²

O Campo é o Mundo, Rio de Janeiro, julho a setembro de 1971, pp. 7-8.

Op. Cit., abril a junho de 1966, pp. 4-5.

Op. Cit., abril a junho de 1974, pp. 28.

² Algumas edições da revista não apresentam o número. Em lugar deste, apresentam os meses correspondendo ao trimestre da edição. Por esse motivo, a informação referente à numeração se encontra ausente de algumas referências, no corpo do texto e também aqui na relação de fontes documentais.

- Op. Cit**, 1967, n.º 5, p. 4.
Op. Cit, 1967, n.º 5, p. 5.
Op. Cit, julho a setembro de 1971, p. 8
Op. Cit, 1966, n.º 4, p. 4.
Op. Cit, 1967, n.º 8, p. 4.
Op. Cit, 1966, n.º 4, p. 7.
Op. Cit, janeiro a março de 1969, p. 17.
Op. Cit, julho a setembro de 1974, p. 18
Op. Cit, abril a junho de 1975, p. 20.
Op. Cit, 1967, n.º 8, p. 14.
Op. Cit, outubro a dezembro de 1971, p. 27.
Op. Cit, abril a junho de 1974, p. 23.
Op. Cit, outubro a dezembro de 1972, p. 33.
Op. Cit, abril a junho de 1972, p. 34.
Op. Cit, *Ibdem*, *Ibdi*, p. 14.
Op. Cit, julho a setembro de 1974, p. 27.
Op. Cit, janeiro a abril de 1977, p. 28.
Op. Cit, 1968, n.º 9, p. 4.
Op. Cit, julho a setembro de 1974, p. 23.
Op. Cit, *ibdem*, 1974, p. 14.
Op. Cit, julho a setembro de 1971, p. 8.